



Nova Atena
Saber e Bem-Estar



Desafiando o fio da escrita

Mês de Janeiro de 2024

Nova Atena



Desfiando o fio da escrita

ÍNDICE		
AUTOR	TÍTULO	PÁGINA
Faustino Vital	Falando de Deus	2
Faustino Vital	Tempo	3
Fernando Baptista	Os anos são degraus, a vida a escada	4
Fernando Baptista	São proibidas as flores	5
Fernando Baptista	Somos de barro ...iguais	6
Francisco Lourenço	Abril, Abril, golpadas mil	7
Jerónimo Pamplona	Chove, chove	8
Jerónimo Pamplona	Somos de barro	9
Jorge Proença	Futebol	10
Luísa Machado Rodrigues	Obrigada, Marina	11
Maria de Lourdes Santos	Parabéns, Paizinho	12
Maria Silveira	Olho em volta	13
Pilar Encarnação	Como ajudar	14
Regina Ferreira	So Good	15
Vítor Carvalho	Ligar o complexómetro	16
Vítor Carvalho	Modernices	17



Desfiando o fio da escrita

Tempo

Os dias passam,
Velozes,
Fugidios,
Como o bater
Das asas das andorinhas.

Pergunto a mim próprio;
Para onde vais ?
Porque não voltas ?
Quando chegas ?
E, fico à espera,
De noite acordado,
De dia sentado,
Caminhando sem sentido.

Não sei quando será,
Mas vou ficar à espera
Que o tempo, um dia voltará.

Faustino Vital



Desfiando o fio da escrita

Falando de Deus

Todos os dias fico perturbado com as notícias. Todos falam do Deus próprio e todos fazem a guerra, a fome, a miséria, a doença, o sofrimento, tudo em Seu nome. É possível constatar que quase todas as guerras tiveram como base as diferentes ideologias ligadas à fé e os seus dogmas.

Pensemos que todas as derivações de fé e doutrinas tiveram o início comum : Deus. Aquele ser superior que rege as nossas vidas.

Ser cristão e católico, protestante, muçulmano, copta, judaíta e outras doutrinas que se manifestam pelo mundo mais não são do que ramos da árvore principal e, só o são por cisões de muitos séculos, de muitos e variados interesses mesquinhos, de poder, de imposição, de orgulho vão, e manifestações de riqueza descomunal, impressionantes para gente comum, que acredita, que se agarra à fé mas na maior parte das vezes é pobre e sobrevive mal a cada dia que passa, ano após ano.

Quem pode afirmar que a sua religião é a única que deve prevalecer, que é a verdadeira ?

E, as outras ?

São todas interpretações de um único princípio, de um culto.

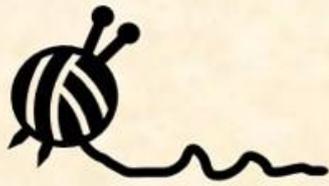
Não é batendo no peito que somos melhores que outros, mas sim com as nossas acções do dia a dia.

Sejamos sempre bons, solidários, e seremos felizes aproximando-nos de Deus, em qualquer lugar.

Para mim, Deus, como omnipresente, manifesta-se em todo o lado; nos outros seres humanos, de bons princípios, numa mãe natureza, um pôr do sol rico de cor, um lago, uma aurora, nas árvores, nas aves, nos rios, no mar, nos animais, na arte, na música e seus múltiplos sons, no riso das crianças e também dos adultos e em todas as coisas físicas que nos cercam.

Eu, sinto-me feliz nesta maneira de pensar. Feliz, porque vendo Deus dessa maneira, sinto que Deus está em mim.

Faustino Vital



Desfiando o fio da escrita

Os anos são degraus, a vida a escada

Degrau após degrau tudo é lenta ascensão

No Tronco de uma delicada acácia, num jardim público, um qualquer passante gravou o seu desespero, lanhando a superfície porosa, com um canivete, a exclamação:

“Estou àrrasca”!

Se a frase deste passante não vai figurar nas grandes tiradas exclamativas de um qualquer grande romance ou outra obra literária, a verdade é que a constância do seu protesto inconformado encontrou, pelo menos em mim, um leitor emocionado e atento.

Os troncos das árvores destinam-se a rapioquices brejeiras de namorados dados à gravação onomástica. Um coração no meio do qual se gravam palavras e datas. Varam os anos, circula o tempo, sobem-se escadas e essas palavras e corações tornam-se ausentes em solitários jardins. Sobrevivem apenas na lembrança de rostos vividos e já do meio para cima dos degraus da escada da vida, e na tepidez fremente de um beijo furtivo.

Este passante ignorado que, - sei lá porquê! -, vejo cabisbaixo e triste, perseguido por medonhas pragas e por todas as maldições, não estava possuído de qualquer exaltação lírica quando resolveu manifestar a sua desgraçada situação: louvo-lhe a coragem e o desapego.

Não é normal darmos às vozes do nosso desespero abrigo numa praça pública no tronco de uma qualquer acácia. Em Portugal vai-se nascendo, crescendo e morrendo em imperfeição e protesto, resignação e tédio. Mas este passante que escreveu no tronco da acácia, deve perceber que há criaturas que estão apenas a escrever, não estão a dizer nada! Enquanto outras em frases límpidas, claras, rigorosas, dão recados discretos e subtis, todavia magníficos!

Aprendi com a minha terna avó: Quem se coça é o povo, os piolhos são os fidalgos”. É que a minha avó é do tempo da monarquia. Talvez hoje alterasse qualquer coisa, mas prefiro que assim fique e me recorde os degraus que subi desde esse tempo de menininho atento venerador e obrigado!

É uma frase paralisante “Estou àrrasca”!

Passei naquele jardim público num fim de tarde fresca, precisamente quando assomava no anoitecer uma estrela velhinha, pequena e doirada. Deu com os olhos de estrela, na exclamação dorida, não assinada pelo passante e pensou em mil coisas inconsequentes, frívolas, levianas e rápidas – rematou o fecho do dia com a acção imponderada de gravar, abaixo do gritado “estou àrrasca”, esta comovida solidariedade, como escada da vida: “Também eu”

Fernando Baptista



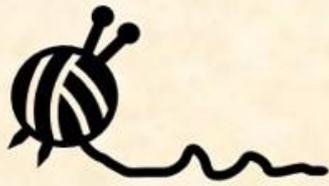
Desfiando o fio da escrita

São proibidas as flores

Porquê são proibidas as flores
na nossa terra!
Lembras-te!
Lembras-te quando nos conhecemos,
quando nos vimos pela primeira vez!
Estávamos todos rodeados de flores
tu, tu estavas no balcão da tua janela
da tua casa no bosque,
e eu vi-te entre as flores
espreitando também para a rua
e para a floresta
e mal me viste escondeste-te por trás das flores
mas escondendo tão mal
que eu podia ainda ver
os teus cabelos loiros!
Depois à noite,
sonhei durante toda a noite contigo,
mas em vez de me lembrar
bem, da tua cara
eu só me lembrava das flores
que rodeavam os teus cabelos
e que escondiam o teu rosto
como se os teus cabelos e o teu rosto
não fossem mais que flores
e agora!
Estás aqui tão perto de mim
e proibem-me as flores
que é o mesmo
que te proibirem a ti.

Autor desconhecido

(enviado por Fernando Baptista)



Desafiando o fio da escrita

Somos de barro... iguais

Era um dia vazio e eu arrumara recentemente a transgressão aos meus próprios silêncios. Não me peçam explicações sobre o que é a incomunicabilidade e a comunicabilidade entre os seres humanos. Não tolero muitas coisas: sobretudo não tolero a biface, o duplo, o ambíguo, sem que isso queira dizer que tenha uma perseverante tendência para a desconfiança em certos momentos, tertúlias, conversas, lugares.

O cão atravessou-se no meu caminho. Era um cão urbano, ruço e gasto de procurar alguém que o afagasse candidamente. No passeio percorreu a meu lado todo o trajecto até me sentar num banco frente ao rio. Sentou-se olhando-me. Senti que me faltava um biscoito (ou mais) que melhor firmasse este encontro momentâneo. Ou será ele um espião? Desses espiões subtis e medíocres, que olham, escutam, e vão correndo alterar, mentindo, o que viram e ouviram. Era um cão evidente de mais para o exercício de espionagem e as unhas que possuía revelavam decisivo analfabetismo: unhas rombas de cavar a sobrevivência e infelizes. Dei comigo a questionar-me: Quem será este cão que caminhou a meu lado e agora me faz companhia junto do banco onde podia observar o rio, as velas das escolas que nele passeavam ou se envolviam em lições para melhor saber navegar? Ali sentado, olhando-me poderá ser um cão chato e inútil que alguém deixou de vez nas ruas da cidade esperando que, como muitos outros, sem afecto e comida vagueasse em busca de alimento e de quem lhe desse o afecto que um dia conhecera. Desejará este cão ruço e gasto formular-me algum pedido?

Outro cão latiu-lhe. Ficou imperturbável como se nada ouvisse. O outro cão latiu de novo, e o cão ruço manteve a mesma “compostura” como quem afirma estar na conversa com um amigo e nada o perturbar. Os cães são animais respeitáveis ou indignos, depende do ângulo; este, porém, é um cão obstinado - meditei-, obstinado e dócil: irá longe.

Logo fiquei inquieto: se vai longe, seguir-me-á, obstinada e docilmente; pensará que sou importante, instalar-se-á, em silêncio, junto da porta de minha casa e vencer-me-á pela sua perseverança e pela minha crescente indecisão. Terei de andar com o cão todos os dias atrás de mim: como sou civilizado e comovido ante o espectáculo da Criação, terei de o alimentar; o cão desejará porventura, acolher-se no recanto do meu lar, haverá, inicialmente, um emocionado gesto de carinho para com o cão e de resignação para com a minha inércia. Um dia, porém, este cão partirá um jarro, roerá os pés da cama presumindo ser um osso, e tudo da minha calma caseira se tornará em serviço permanente, incluindo a limpeza de xixi ou outras coisas mais malcheirosas. Depois de tratado algum vizinho me dirá: belo cão! O cão entenderá o elogio sorrateira-se entre as minhas pernas, tropeço, o vizinho sorri. Por fim, depois de entregar o cão ruço num canil, regresssei falando de mim para mim: Somos de barro. Igual a todos os demais. Cheguei a ter vontade de dar um pontapé a este cão incómodo. Deixei de ver o cão. Ficou com as orelhas em baixo, aguardando, talvez, uma hipótese onde pudesse entrar.

Fernando Baptista



Desfiando o fio da escrita

Abril, Abril, golpadas mil

Abril, Abril, Abril,
Abril, Abril, Abriladas
Governos e desgovernos
Em Abril só dão facadas

Compadrios lá por Sines
A cheirar a negociatas
As obras para serem boas
Nunca podem ficar baratas!

E de repente na Madeira
Cai o Presidente do Funchal
E o Governo Regional
Entalou-se, ficou muito mal!

Abril, Abril, Abril, Abril, Abril, Abriladas
Muita coisa se conquistou, só faltam os “quase-nadas”
O quase nada na saúde, o quase nada na habitação!
O quase nada na cultura, o quase nada na educação!

Francisco Lourenço



Desfiando o fio da escrita

**“Chove, chove, a chuva chora.
Onde estará o pássaro que cantava?”**

Hoje, pela manhã, no começo do acordar,
quando saía da cozinha para o alpendre
e comecei a caminhada para o Quintal,
envolvido pelo azul dos meus pensamentos,
estranhei não ouvir o trinado do cântico da Carriça.

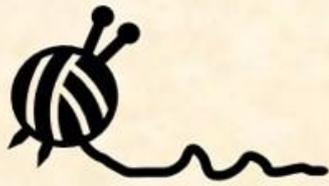
A Carriça é uma ave bastante pequena, mas, muito ativa.
De cor castanha na parte superior e listas claras nas asas,
asas arredondadas, cauda pequena e bico robusto.
É dona de um cântico possante com que marca o território.
Habita em zonas de vegetação densa: bosques e parques.

O seu nome científico *Troglodytes* significa “habitante de cavernas”,
que se refere ao hábito de entrar em cavidades e fendas para pernoitar.
Com um sistema de acasalamento poligénico:
O macho acasala com várias fêmeas, construindo até doze ninhos,
numa única época de nidificação com o objetivo de as atrair e seduzir.

Parei, para beijar o silêncio, e escutar o som mavioso e constante
da chuva a chorar naquele mês de abril, águas mil, queijos mil.
Aí, descobri a diferença no chilreio que vem dos locais de origem,
seja de dentro duma gaiola ou empoleirados na frondosa nogueira.
Assim, notei a diversidade entre o piar na jaula e o trinar na árvore.

**Piar, é gritar sons repetidos, sons onde pulsa a ansiedade!
Trinar, é sentir os sons no coração, como respirando liberdade!**

Jerónimo Pamplona



Desfiando o fio da escrita

“Somos de barro. Iguais aos mais”

Não. Não somos iguais! Nem no aspeto antropológico, nem na vida social. Ora, então vejamos:

A antropologia tem como objeto de estudo o comportamento humano, a biologia humana, as diferentes culturas, a organização social e as diferentes línguas. Olhando para a linguística, existem mais de 7.000 idiomas no mundo, embora, apenas 23 cubram mais de metade da população.

No aspeto anatómico somos todos diferentes, exceto os gémeos univitelinos que são raros. Na minha vida, já longa, e que circulou por três continentes, vários países, muitas cidades, vilas e aldeias só conheci dois gémeos univitelinos e nunca vi ninguém parecido comigo, na configuração física, entre milhões de pessoas com quem me tenho cruzado. A natureza tem algo de mágico! Quanto aos hábitos culturais há diferenças substanciais, entre os quais estão os alimentares que são mais fáceis de explicar. Assim, podemos dar como exemplos os seguintes: aranhas, cobras, escorpiões e morcegos, fazem parte do menu na China; insetos no México; e nematoides (vermes subterrâneos), em Angola. E estes, fritos, não são nada maus!

Quanto às diferenças na vida em sociedade refiro as escandalosas diferenças que se verificam em Portugal. Há os que nascem em berços de ouro e automaticamente ficam no topo do elevador social e existem aqueles que nascem em berços de palha e têm muita dificuldade em subir o elevador social; a maioria permanece no nível em que nasceu, a chamada classe baixa. Uma das causas para que se mantenha este *status quo* deve-se à desigualdade profunda na distribuição da riqueza produzida em Portugal.

Segundo a revista *Proteste Investe* da Deco, os presidentes das Comissões Executivas (CEO) das dezassete (17) empresas cotadas na bolsa portuguesa ganharam no ano de 2021 trinta e duas vezes mais do que o salário médio dos restantes trabalhadores. Embora a Jerónimo Martins seja a campeã (3,72 milhões de Euros, só para o CEO), a discrepância é notória em todas as empresas analisadas.

Exemplos:

Jerónimo Martins + 262,6 vezes mais do que salário médio dos seus trabalhadores.

Sonae + 77,4 vezes mais do que salário médio dos seus trabalhadores.

Mota Engil + 73,3 vezes mais do que salário médio dos seus trabalhadores.

EDP + 46,4 vezes mais do que salário médio dos seus trabalhadores.

Estas discrepâncias, devem-se aos aumentos remuneratórios que se vão verificando todos os anos, como se as Administrações dos grupos Empresariais fossem o “*sal da terra*”! No ano de 2021, o aumento da remuneração variável dos CEO foi de 27,8% enquanto o aumento dos restantes trabalhadores foi apenas de + 2,7%.

Todos estes valores são o reflexo de várias doenças de que sofre a sociedade portuguesa. Desde logo, porque estes valores representam uma parte da apropriação privada da riqueza produzida!

Jerónimo Pamplona



Desfiando o fio da escrita

Futebol

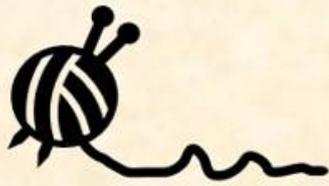
O futebol é a ciência das improbabilidades
O resgatar de génio em lances de sonho
Apenas concebidos por artistas inspirados
Que colocam a bola onde põem os seus olhos

Parece fácil desmarcar o avançado
Que se acerca da baliza sem ter medo
De quem lhe sai ao caminho destemido
Procurando barrá-lo sem respeito

A bola apenas cumpre a função que é devida
Toma a força que se quer, a direção sugerida
Mas, o adversário está lá, olhando a bola que chega

Com a cabeça desvia, do pontapé que surgia
E a bola ressalta e rola para fora do terreno
Proporcionando um canto lindo, que por vezes dá golo...

Jorge Proença



Desfiando o fio da escrita

Obrigada, Marina

Em dia de chuva e rajadas de vento em Portugal Continental – sequela da Depressão Hipólito que há dias assolou os Açores, em particular a cidade da Horta – opôs-se à tempestade que grassava lá fora a serenidade, a candura até, da poesia de Sebastião da Gama declamada pelos Jograis da Nova Atena no Palácio dos Aciprestes, em Linda-a-Velha.

Momento intimista, de sonho – *Pelo sonho é que vamos* – e que surpreendeu, aliás como sempre. Dantes, pela mão de Elisabete Castel Branco, fundadora e coordenadora do Grupo vários anos, mais tarde, por Maria José Saraiva, sua sucessora e atual coordenadora, as quais aplaudo enquanto pessoas e obra partilhada.

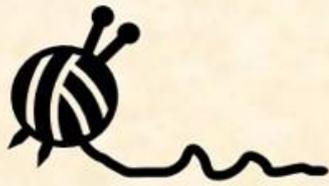
Da declamação dos poemas ao momento musical proporcionado por Filipe Ramos ao piano, foi um encher de almas. Um belo espetáculo surpreendentemente intercalado com prosa inspirada no *Poeta da Arrábida*, da autoria e lida por Marina Brandão Lucas, a qual nos ofereceu o recuar à sua infância e adolescência e o seu vivido no Portinho da Arrábida, da serra ao mar, da praia às grutas circundantes. Enfim, a que vem isto como se de um desnecessário Relatório do ocorrido se tratasse?

Vem a propósito de memórias. Memórias da oradora e memórias que a mesma fez assomar em mim. Lembram-se dos antigos passeios de fim de semana com picnic, inclusive, no circuito dos ‘Três Castelos’ (Sesimbra, Palmela e Setúbal) via Serra e Portinho da Arrábida? Pois, não tive estadias no ‘Portinho’, mas tive aventuras nas frequentes idas até lá, de que a mais demorada e em família me veio à mente. Eram tempos de viaturas antigas (no nosso caso, um Austin A40), de estradas precárias, furos em pneus, avarias mecânicas, etc., porém, chegámos bem e cedo, descemos pela estreita curva e ladeira íngremes de acesso à praia, cujo espaço onde aparcar era pouco. Pai ao volante, ‘treinadores de bancada’ para a manobra, instruções para aqui e para ali, eis quando senão, numa marcha a trás, o carro ficou com o rodado traseiro atolado em areia! Um ror de gente para empurrar, sem sucesso! Uso de tábuas auxiliares até que, se ouviu um brusco barulho: um semieixo partido! Recursos inexistentes! Valeu uma alma bondosa desconhecida que (era domingo!!!) advogou a nossa causa junto da então já afamada empresa vinícola Abel Pereira da Fonseca.

Não conhecíamos ninguém de lá e, quem faria hoje e gratuitamente o que então nos fizeram? Rebocaram-nos, arranjaram o automóvel nas suas oficinas, nas quais também nos ofereceram um lauto almoço tardio em mesa de tábua e bancos corridos... Ao lusco-fusco regressámos a casa gratos, são e salvos, felizes!

Obrigada, Marina! Pela beleza e generosidade do que a todos deu, pelas memórias que me avivou...

Luísa Machado Rodrigues



Desfiando o fio da escrita

Parabéns, querido Paizinho

Faria anos em Janeiro! Celebrar e honrá-lo com ternura e saudade, e ainda partilhar tais sentimentos através deste testemunho, é o melhor presente que tenho para lhe oferecer.

Foi um homem muito avançado para os tempos em que viveu. Visionário, frequentou a escola e ampliou por sua iniciativa e inteligência o que aí recebeu. De forma brilhante abordava temas interessantes e profundos, autodidata em várias áreas, trazia classe ao seu e nossos dias, na forma de transmissão do seu conhecimento.

Hoje, neste simples, mas ternurento testemunho, recordo-o nesse perfil tão próprio e oportuno na utilização das suas capacidades inatas. Cresci com a riqueza com que prendava o meu imaginário e realidade.

Hoje, aqui estou a retribuir parte do amor que recebi. Volto a recordar a MAGIA DE NATAL que partilhei no mês de Dezembro. Em Janeiro, mês de aniversário, complemento o presente da Caixa de Bombons; doces de coração, cheios de ternura.

Ela percorria o nosso corredor inundado pelo sol radioso, o êxtase era total, difícil de acreditar numa linda caixa a deslocar-se na nossa direção. A natureza aliada a todos nós, aquecia-nos, cumpria a sua sublime missão, iluminava o espaço e sobretudo os nossos corações que rejubilavam de felicidade e curiosidade.

Mais uma vez o paizinho estimulava o nosso imaginário, surpreendendo-nos e marcando as gavetinhas inocentes, com memórias que perdurariam eternamente e hoje afloram neste “especial felicitações”. Os presentes marcam pela energia que transmitem e transportam. Os anos não os desgastam na sua essência de valores e alegria, tocam em profundidade e o apreço perdura. É a simplicidade embrulhada no sentimento grandioso do amor, que não precisa dos laçarotes e artifícios consumistas exacerbados da ilusão. Tudo fica no coração e é eterno. Memórias abençoadas que me enchem a alma e recordo com muito amor, admiração e saudade de tempos de simplicidade, significado, encantamento, magia, cumplicidade...

Finalmente vou revelar o método que usou para mimar as suas meninas, num memorável domingo de inverno, cujo almoço terminou com a sobremesa mais mágica e deliciosa e que, no enquadramento a que nos habituara, foi servida com a explicação simples e fascinante do método utilizado.

A Caixa de Bombons que se encontrava no corredor, deslocava-se ou parava no chão, numa provocação constante à nossa imaginação, através de um fio de nylon, quase invisível ao olhar inocente, cujo foco era a personagem principal, a Caixa de Bombons.

Parabéns, querido pai. Poderia tê-lo amado muito mais, mas nem sempre permitimos que o coração se eleve à sua potência máxima, e as ilusões da vida vão atraindo e desviando dos caminhos do GRANDIOSO AMOR.

Obrigada por ser meu pai e me ter transmitido o legado que quanto mais avanço no tempo, mais valorizo, me revejo e escolho como prioridade. O amadurecimento enriquece, deixa emergir o que de melhor existe, dá sentido, é sobretudo um porto de abrigo quando o que se considerava ilusoriamente eterno se começa a desvanecer e ficam as raízes a dar suporte ao que se vai desgastando. Surge então a profunda saudade e a esperança em dimensões superiores, ausência de sofrimento e doença. É o reencontro com a PLENITUDE.

Maria de Lourdes Santos



Desafiando o fio da escrita

Olho em volta

Onde estais

Solidariedade, fraternidade

Valor da vida?

Desponta um novo ano

Renovam-se e tornam a renovar-se

Votos de paz, de amizade, de amor...

Olho em volta, que vejo?

Guerra dita de meses que vai em anos

Guerra prometida por uns dias que vai em meses

Desmedido belicismo, inconfessável mortandade...

Ética? Os fins justificam os meios

Crianças, jovens, mulheres, idosos ceifados aos milhares!

Queria ser voz de esperança, acreditar na reversão para breve

Olho em volta, que vejo?

Pululam ameaças, pululam mísseis sem lei nem grei

Brotam e crescem múltiplos conflitos por múltiplas paragens

Rombos na sociedade e na economia

O mundo em questão, o armamento em enriquecimento

Os princípios, os poderes em confronto

O cidadão em empobrecimento

A Terra num sufoco...

Maria Silveira



Desfiando o fio da escrita

Como ajudar?

No Sábado passado, estávamos no aeroporto no sítio das chegadas à espera de um familiar. Como o avião vinha com algum atraso, aproveitámos para tomar um chá. Mal nos tínhamos instalado, foi-se aproximando das várias mesas um homem de idade indefinida, com uma barba descuidada, bastante magro, mal vestido e de mochila às costas. Reparei que estendia a mão, mas nada lhe davam.

Aproximou-se da nossa mesa, mas falava tão baixo que eu mal o ouvia. Fizemos-lhe algumas perguntas e talvez porque o olhámos de frente e não sentiu indiferença, começou a falar da sua vida.

É um sem abrigo vivendo com sua mulher no aeroporto há mais de um ano. Dormem no chão, metidos em sacos de dormir, num cantinho ao pé do restaurante, em companhia de outros sem abrigo. Tem 35 anos e um filho com pouco mais de um ano que está institucionalizado.

Expressava-se bastante bem e fez questão de afirmar que nunca se tinha drogado nem era alcoólico. Perderam a casa que estavam a pagar ao banco, devido a um incêndio provocado por um curto-circuito. Então tinha seguro, certamente, perguntámos nós?! Sim, tinha seguro, mas a Companhia de seguros não pagou. O porquê ficou por esclarecer.

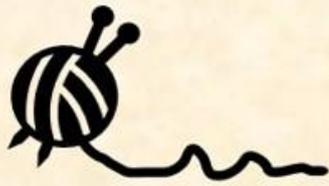
A partir daí tudo se complicou. Ficaram na rua e rapidamente perderam o emprego. Ele trabalhava na restauração. Como não têm casa, não consegue trabalho porque não pode dar uma morada certa. Seguiu-se a depressão. Tem um passe que lhe permite circular pela cidade, dado pela Assistente social, mas nem sempre tem ânimo para procurar uma saída. A mulher tem conseguido trabalho nas limpezas, no aeroporto, o que lhes permite pagar uma refeição barata. Então a Assistente social, não ajuda? Questionámos.

- Ela vem de 15 em quinze dias e traz arroz e massa, mas nós não podemos cozinhar aqui. Por isso coloco tudo num cantinho para alguém aproveitar. Dão-me roupa de velho que me fica enorme porque estou muito magro. Perdi mais de vinte quilos. Como posso arranjar emprego com esta roupa?

Tudo isto nos foi contado com a voz embargada, fazendo um esforço enorme para conter as lágrimas. É sem dúvida um homem desalentado e deprimido, a precisar de ajuda com urgência. As nossas palavras de ânimo certamente soaram vazias a quem tanto precisa de respostas concretas. E lá se afastou cabisbaixo.

A história deste homem deixou-nos perturbadas e não parávamos de refletir. O que podemos fazer por ele e por muitos outros em situação semelhante? O facto de sabermos que muitos países têm o mesmo problema, não nos pode deixar indiferentes. Há que fazer alguma coisa. É necessária uma estratégia nacional para a integração das pessoas em situação de sem abrigo.

Pilar Encarnação



Desfiando o fio da escrita

So Good!

Era uma conversa a três. Mãe, filha e pai. Assim!

Era uma conversa animada. O pai, um homem já enrugado, assistia embevecido, risonho, complacente. Acompanhava a conversa olhando ora para uma ora para a outra, mas não se ouvia o pensamento. Almoçavam!

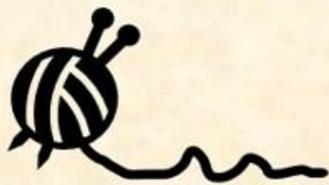
Por fim, chegou uma sobremesa que o fez sorrir abertamente. O prato opulento trazia uma delicada *maminha* branca encimada pelo tom amarelo acastanhado das sementes de maracujá. Olharam uns para os outros com gestos muito amigos!

E a *panna cota* depressa desapareceu. Ficaram mais um pouco. Agora o pai, solícito, conversava e sorria. O ambiente do *So Good*, como de costume, muito variado como a ementa que escolhi. Bife de vitela grelhado, batatas fritas na ocasião com salpicos de coentros frescos e muito verdes e uma salada bem misturada entre legumes variados, tomate, cenoura em fitas e farripas de beterraba de um vermelho luzidio a saber a vinagre balsâmico, emprestavam uma frescura àquele dia de sol intenso que obrigava a um copo de vinho branco gelado.

Ao meu lado, numa mesa solitária estava uma senhora loira incapacitada pela conversa redundante daqueles três mãe, filha e pai. Tinha um grande cão deitado a seus pés, manso e de cor amarelo desmaiado. Ela saboreava páginas de um livro e bebericava um copo de vinho branco fresco que levantou uma vez, olhando para mim, em louvores à vida.

Depois, acordou o cachorro e saiu da esplanada.

Maria Regina Ferreira



Desfiando o fio da escrita

Ligar o complexómetro

A agência de viagens reservou quartos num hotel recém-inaugurado. Tudo era moderno, abertura das portas por duplo código, camas largas, jogo de luzes complicado, obrigando a tentativas para acertar o fecho, reposteiros elétricos que nunca fechavam totalmente. Mas foi no WC que as maiores surpresas aconteceram: um emaranhado de comandos para diversos tipos de chuveiro, com um design que não permitia adivinhar como se distribuía a água, quente/fria, chuveiro de teto, chuveiro de mão, jato ou dispersão, aéreo ou enche-banheira. Em geral, a temperatura interna do hotel era agradável, podia-se circular com todo o à-vontade.

Contrastando com o moderno equipamento de chuveiros, a lavagem do banho era feita numa banheira tradicional, perigosamente escorregadia. Olinda deu um grito quando começou a mexer nos comandos. “Olavo, vem cá, estou a queimar-me toda com água a ferver! Depressa, depressa, não sei o que aconteceu. Saiu agarrada ao marido, escaldante. “Para desligar a água tenho de me queimar também”, vociferou Olavo. “Que fazer”, questionou. Puxaram um fio que lhes pareceu de alarme. Começaram a tocar campainhas. O vapor tinha, entretanto, tornado impossível a visão no interior da casa de banho. “Vamos cobrir-nos com toalha e chamar alguém da receção”, disse o marido. Nos corredores ouvia-se gritar “incêndio, incêndio”. Poucos momentos depois ouviam-se as sirenes dos carros dos bombeiros, o hotel estava já cercado pela polícia e o burburinho não parava de aumentar.

- Fala do quarto 9391, estamos em pânico com o funcionamento dos chuveiros, venha cá alguém desligar e ensinar como isto se utiliza, estamos escaldados com água quase a ferver!!!

- Vai já aí uma senhora resolver o assunto, disseram da receção.

Uma senhora de meia-idade bateu à porta. Pediu desculpa e desde logo deu razão aos hóspedes: “Os srs. têm muita razão, todo o pessoal de limpeza foi obrigado a ter formação para aprender a manobrar estes equipamentos, é uma trabalhadeira até acertar o nível adequado de temperatura e força da água. Nós, a equipa da limpeza, já protestámos porque muitas vezes saímos daqui molhadas quando limpamos a banheira, é preciso entrar para manobrar os comandos”, vociferou a empregada, enquanto explicava o funcionamento. “Nos modelos antigos de torneiras qualquer pessoa via logo o que tinha a fazer, agora é preciso tirar um curso”, enfatizou...

O marido foi depois experimentar, mal saiu a empregada. Apanhou com água gelada até que doseou os comandos conforme tinha sido explicado. “Merda para a modernice!”, gritou bem alto.

No final da estadia, o casal deixou a seguinte mensagem no livro de reclamações:

“Antigamente, fechava-se ou abria-se uma torneira de forma intuitiva, era só apertar a rosca ou rodar o manípulo. Agora, é preciso tirar um curso, fazer ações de formação aos empregados para saberem lidar com as torneiras. Há as soluções mais incríveis para abrir e fechar uma torneira. As retretes antigas tinham símbolos bem claros, bastava um H ou um M ou dois símbolos, indicando claramente qual era para homens e qual era para mulheres, e ninguém se enganava. Agora, há uma multiplicidade de símbolos e é preciso consultar as placas de instruções para se entender os símbolos. Sugerimos que, através das agências de viagens, chamem a atenção dos potenciais viajantes para a beleza dos equipamentos do hotel, mencionando o nome do arquiteto que desenhou as torneiras e os símbolos, e dando instruções sobre como hão de lavar as mãos ou tomar banho. Seguramente que captarão muitos mais clientes.”

Vítor Carvalho



Desfiando o fio da escrita

Modernices

Tempo de férias, tempo de observação. O verão chama os emigrantes à sua terra natal numa ânsia de em poucos dias reverem familiares, amigos e lugares de memória, num ciclo que se renova todos os anos. Com a chegada maciça de emigrantes no mês de agosto, pequenas vilas transformam-se em cidades, onde todos os problemas típicos da confusão citadina podem acontecer. Carros topo de gama entopem as ruas apertadas dessas vilas, cafés e esplanadas em grande alvoroço, onde várias coisas se misturam: conversas em francês e português, roupas multicores com as tradicionais vestimentas cinzentas e tristes, chapéus de feltro e boinas tradicionais com bonés publicitários, corpos queimados pelo trabalho agrícola de sol a sol com corpos tatuados exibindo “evolução”, sacholas que servem de bengalas de apoio misturadas com carrinhos que servem para transportar cães como se fossem bebês. Carros em altas acelerações e travagens fazem-se ouvir e metem medo aos que atravessam estradas ou cruzamentos. As festas tradicionais organizadas por mordomos nomeados em cada ano para o ano seguinte têm nos emigrantes os principais financiadores, numa demonstração de opulência e generosidade. Por influência dos grandes festivais de verão que acontecem por todo o país, as festas das pequenas aldeias, que tradicionalmente duravam um dia, passaram a ser organizadas para durar quase uma semana, com conjuntos musicais diferentes em cada dia, apoiados em potentes equipamentos de som que sacodem toda a freguesia. Publicidades a empresas ou instituições de pequena dimensão também há, mas em vez dos patrocínios das grandes marcas são os contributos dos emigrantes que garantem contratações relevantes. E parece que as pessoas gostam, mesmo sabendo que não vão poder dormir antes da meia-noite e que terão que se levantar pela madrugada fresca para trabalhar nos campos...

Celso Torres vive em Lisboa e mantém uma ligação à sua terra natal que visita com regularidade ao longo do ano. Gosta de observar as mutações acima referidas e refletir sobre comportamentos. Numa tarde amena de agosto, convidou familiares para uma visita à Feira Franca de Viseu. Comeram as tradicionais enguias fritas, conservadas em molho de escabeche, embaladas em barricas da Murtosa, as mais tradicionais. Cerveja e caipirinhas animaram o petisco. Foram depois comer as tradicionais “farturas da família Oliveira”, posicionados em frente ao palco de espetáculos. Nessa noite, atuava uma cantora conhecida, Mara Pedro, uma viseense presença assídua na feira, onde atua há mais de nove anos. Tempo de espera pelo espetáculo. Muita gente, mas sem atropelos no enorme espaço da feira. Celso e família conversavam e observavam os transeuntes. Chamou-lhes a atenção um casal de meia-idade, sem crianças. Uma senhora na mesa ao lado comentava em voz alta: “Tem o pai no hospital à espera que alguém o vá levar para casa, porque já teve alta hospitalar, não lhe liga nenhuma, não quer saber do pai e vem para a feira passear os cães como se fossem bebês, olhem um vai no carrinho e o outro vai preso ao carrinho com uma trela, onde isto já se viu, pouca vergonha!”. Celso não queria acreditar no que a senhora da mesa ao lado dizia. Levantou-se e foi dar uma volta para olhar de frente o dito casal. Era verdade, o carrinho transportava um cão pequeno, escuro, e a seu lado, preso por uma trela, ia um cão branco de média dimensão. Passeavam alegremente pela feira, enquanto aparentemente o pai aguardava que alguém o fosse levantar do hospital e, no mínimo, o colocasse num lar. Coisas modernas...

Vítor Carvalho



Desfiando o fio da escrita

Nova Atena - Universidade Sénior de Linda-a-Velha
Coordenações e design gráfico - Midá Sá-Chaves